



Cores e contornos do Cerrado Brasileiro que reúne as principais nascentes da América do Sul anunciadas pelos buritis

Foto: André Dib

Dos seus imensos paredões brotam as nascentes de água cristalina que compõem as principais bacias do continente sul-americano, suas terras exibem uma das biodiversidades mais ricas do mundo e nas suas serras se põe um sol que parece mais irradiante do que em outros lugares

Equipe Aventura&Ação

# CHAPADA DOS VEADEIROS, GO



**M**ais antigo patrimônio geológico da América do Sul, a Chapada dos Veadeiros, formada há 1,8 bilhão de anos, é considerada um dos maiores paraísos ecológicos do País. Elevando-se em pleno Planalto Central, no coração do Brasil, é formada por uma grande área de cerrado de altitude, farto de águas e nascentes de uma pureza ímpar. A região é atravessada pelo Paralelo 14, o mesmo que corta Machu Picchu, e está assentada sobre uma placa de quartzo de quatro mil quilômetros, o que a torna alvo de histórias fantásticas envolvendo universos paralelos e até mesmo teorias sobre o fim dos tempos. Há quem acredite que, “quando o mundo acabar”, a cidade de Alto Paraíso ficará para a posteridade. Mas, enquanto o fim dos tempos não chega, quem conhece esse lugar testemunha as mais vivas cores do cerrado, seus peculiares sabores, imponentes paisagens, incríveis quedas d’água, cultura pulsante e uma vitrine de milhares de espécies da fauna e da flora brasileira.

Animais em risco de extinção como o veado-campeiro, a onça pintada, a ema, o lobo-guará, a capivara, e o tucano de bico-amarelo são alguns de seus habitantes mais emblemáticos. Uma cena corriqueira são as barulhentas araras ou os silenciosos tucanos, em voos rasantes pelo centro da cidade, despreocupados com os que por perto passam.

A partir de 1961, a criação do Parque Nacional dos Veadeiros, que abrange territórios de municípios como Alto Paraíso, Cavalcante, Colinas do Sul e São João d’Aliança, passou a garantir a proteção destas espécies como uma amostra da biodiversidade do cerrado em belos 65.514 hectares. Suas antigas formações rochosas, diversos cânions, quedas d’água, corredeiras, 1.400 espécies de plantas e 312 aves catalogadas são alguns dos responsáveis pelo tombamento da unidade como um Patrimônio Natural Mundial pela UNESCO em 2001.

As riquezas naturais da Chapada, entretanto, extrapolam os limites do parque. No entorno, há várias opções

de caminhadas às margens de rios e nascentes em trilhas coloridas por bromélias, raizamas e canelas-de-ema. Já para os fãs de emoções mais fortes, a melhor opção é curtir as paisagens a partir de ângulos inusitados em cascading, tirolesas, rapéis e até em um circuito de canionismo em três dias água abaixo.

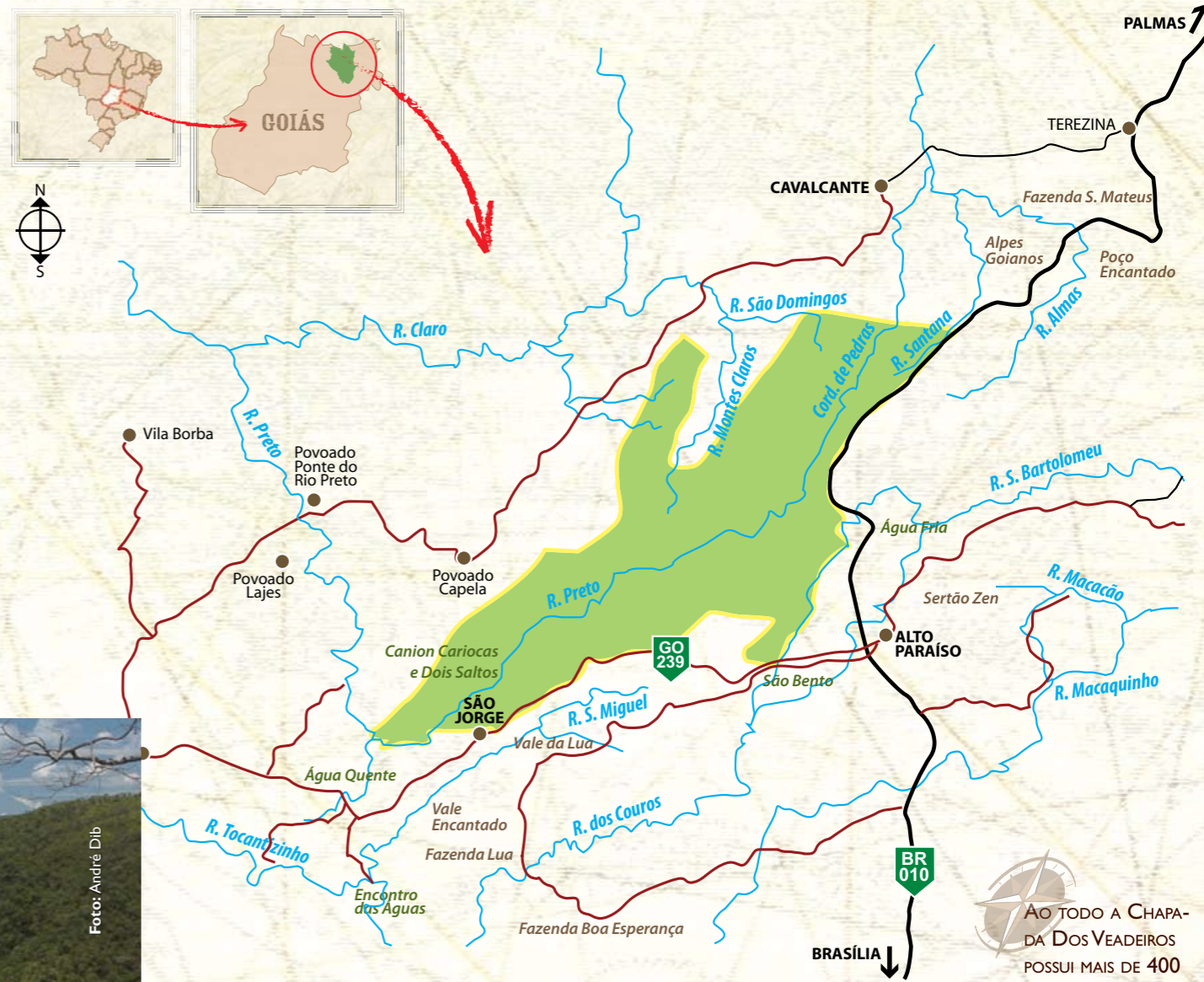
Se não bastasse tanto capricho da natureza nestas terras, a cativante simpatia dos moradores locais, a típica gastronomia, o charme das pousadas rústicas e acolhedoras e as tradicionais manifestações artísticas da região são mais alguns dos atrativos que tornam este roteiro simplesmente encantador.

Para conferir tantas atrações, a equipe da Expedição Aventura&Ação destacou seis pessoas, viajou 1.300 km a partir de São Paulo e montou um roteiro eclético, incluindo desde aventuras mais intensas como a do repórter fotográfico André Dib, que completou uma trilha de bike com 182 km e uma travessia a pé com 70, até atividades um pouco mais relaxantes como uma manhã em um acolhedor Spa de terapias alternativas.

Entre um extremo e outro, encaramos caminhadas por cenários inspiradores, cânions magníficos, cachoeiras refrescantes de águas transparentes, observação de espécies endêmicas de pássaros e um verdadeiro passeio pela cultura kalunga, quilombo abrigado na região há mais de 250 anos.

O material das próximas páginas é um convite a se aventurar por um paraíso pouco conhecido.

## PARQUE NACIONAL CHAPADA DOS VEADEIROS



A CHAPADA DOS VEADEIROS, LOCALIZADA EM UM PLATÔ DE 1200 METROS, A 220 KM DE BRASÍLIA, É COMPOSTA PELOS MUNICÍPIOS DE ALTO PARAÍSO, CAVALCANTE, COLINAS, SÃO JOÃO DA ALIANÇA E TERESINA DE GOIÁS

O PRESIDENTE JUSCELINO KUBITSCHEK CRIOU EM 1961 O PARQUE NACIONAL DO TOCANTINS (ATUAL PARQUE CHAPADA DOS VEADEIROS), COM ÁREA DE 625 MIL HECTARES. NOS ANOS DE 1971 E 1980 FOI DIMINUÍDO DRÁSTICAMENTE ATÉ ATINGIR OS ATUAIS 65 MIL HECTARES



Foto: André Dib



Foto: André Dib

O BIOMA CERRADO É UM MOSAICO DE CHAPADAS E VALES COM VÁRIAS FORMAÇÕES VEGETAIS DISTINTAS QUE POSSUEM UMA EXCEPCIONAL RIQUEZA BIOLÓGICA, SENDO CONSIDERADA A SAVANA DE MAIOR BIODIVERSIDADE DO MUNDO

A CIDADE DE CAVALCANTE ABRIGA A COMUNIDADE REMANESCENTE DO QUILOMBO KALUNGA HÁ 250 ANOS

A CHAPADA É FORMADA HÁ 1,8 BILHÃO DE ANOS  
POSSUI 1.400 ESPÉCIES DE PLANTAS E 312 AVES CATALOGADAS

CICLOS ECONÔMICOS DA REGIÃO:  
• I CICLO DO OURO NO SÉCULO 18  
• CAÇA AOS VEADOS NO SÉCULO 19  
• II CICLO DO OURO E DOS CRISTAIS NO SÉCULO 20  
• PECUÁRIA E ECOTURISMO NO SÉCULO 21

AO TODO A CHAPADA DOS VEADEIROS POSSUI MAIS DE 400 CACHOEIRAS, SENDO 70 DELAS COM ACESSO PARA VISITAÇÃO DO TURISTA

O CERRADO É CONSIDERADO A CAIXA D’ÁGUA DO BRASIL, POIS ABRIGA AS NASCENTES DAS MAIORES BACIAS HIDROGRÁFICAS DA AMÉRICA DO SUL

# Porta de Entrada

Alto Paraíso, principal município, é também ponto de partida para desvendar todos os mistérios e encantos da Chapada

**P** principal município da Chapada dos Veadeiros, Alto Paraíso é uma cidade especial para o ecoturismo por diversos motivos. Poucos sabem, mas é lá que nasce o Rio Tocantinzinho, que dá origem ao Rio Tocantins. Além de estar entre os municípios que abrigam o Parque Nacional Chapada dos Veadeiros, a cidade faz parte da Área de Proteção Ambiental - APA - de Pouso Alto. A natureza local é exuberante com diversos atrativos como cachoeiras, vales e serras encantadas pelas flores do serrado, pela energia dos cristais ou pelos inacreditáveis pores-do-sol. Para apreciar tudo isso, vale usar o carro ou a bike e, principalmente, empreender boas caminhadas em trilhas que podem variar de 300 metros a 10 km.

O astral místico e as belezas naturais fazem da cidade de Alto Paraíso, de sete mil habitantes, e de São Jorge, uma antiga vila de garimpeiros a 36 km da cidade, pontos de encontro de diversas tribos. Por lá, reúnem-se esotéricos, ecoturistas, artistas e aventureiros, que vivem em um interessante clima comunitário, dando bons exemplos de convivência entre homem e natureza.

Para percorrer os principais roteiros do lugar, é preciso um pouco de disposição física e, de preferência, a contratação de profissionais especializados (dentro do Parque os guias são obrigatórios e nos atrativos do entorno, recomendáveis).

## Parque Nacional Chapada dos Veadeiros

Na área de 65 mil hectares há poucas trilhas abertas à visitação, mas, felizmente, elas levam aos principais cartões-postais da região. Entre eles estão os Saltos do Rio Preto, que formam cascatas de até

120 metros de altura e a maior piscina natural da área, que chega a 300 metros de diâmetro. Outros atrativos são os cânions 1 e 2, as praias, amplas cascatas como a Cachoeira das Cariocas, duchas terapêuticas e as pedreiras. O acesso ao Parque é feito pela Vila de São Jorge, por uma estrada de terra. Para conhecer as quedas, é preciso ficar atento: a reserva tem lotação limitada diária.

## Rio dos Couros

As cinco cachoeiras Rio dos Couros estão entre as mais belas da Chapada. Depois de um pouco mais de uma hora de estrada de chão, a partir do centro de Alto Paraíso, é só deixar o carro e seguir por uma trilha de 5,4 km de descidas e subidas à beira do precipício, sempre com o ruído das águas caindo. Na última e maior das cachoeiras, a força das águas proporciona uma verdadeira hidromassagem natural. O rio recebe esse nome porque era lá que eram lavados os couros dos veados caçados na região.

## Circuito de Aventura

A tirolesa do “Vôo do Gavião” é uma das atividades que incorporam o Circuito de Aventuras (propiciado pela agência Travessia em fazendas da região). Com 850 metros de extensão, é a terceira maior do Brasil e proporciona uma vista privilegiada de toda a paisagem ao redor, além, é claro, de uma boa dose extra de adrenalina e, para alguns, muitos gritos que ecoam pelo vale por onde passam.

Além da tirolesa, a Fazenda São Bento proporciona um *cascading* na Cachoeira Almécegas I. A assessoria de guias especializados e o uso de equipamentos certificados garante a segurança da operação na queda com 45 metros de altura.

Já na propriedade Portal da Chapada, o circuito de arvorismo com 110 m e o avistamento de aves (*bird watching*) são os grandes atrativos. É possível catalogar pelo menos uma dezena de aves em poucos metros de caminhada (veja box na pág. 51).

A propriedade está localizada a apenas 9 km de Alto Paraíso, seguindo pela estrada que liga a São Jorge. É uma boa pedida para um dia de atividades e recomendável para qualquer idade.

## Vale da Lua

No mesmo sentido e mais perto da Vila de São Jorge encontramos o Vale da Lua. Da entrada seguimos por uma curta trilha que leva a uma paisagem peculiar, formada por sulcos circulares nas rochas, que lembram as formas das crateras lunares, esculpidas lentamente pelo pequeno Rio São Miguel, compondo um ambiente raro e surrealista. O rio corre entre os buracos formando poços liberados para banhos relaxantes. Em alguns pontos da descida, entretanto, há pequenos poços com redemoinhos fortes de água, conhecidos pelos locais como “frigideiras”. O guia Marcos Brasil explica o nome com facilidade: “caiu ali, tá frito”. Mas fique tranquilo, a força da água é só torma a paisagem ainda mais fascinante e os locais para mergulhar são tranquilos. A entrada custa 5,00 por pessoa. É possível chegar de carro a partir de São Jorge em 19 km de estrada ou de bike por um trilha de 3,5 km.

## Encontro dos Rios

A 19 km de São Jorge, em um dos pontos mais baixos da Chapada (506 metros) acontece o belíssimo encontro ➔



do Rio São Miguel com o Rio Tocantinzinho. O São Miguel é um dos rios mais importantes da Chapada dos Veadeiros, do ponto de vista turístico. Suas nascentes localizam-se próximas ao morro do Buracão, fora do Parque Nacional. Mais adiante recebe as águas dos rios Cordovil e Segredo, até desaguar no Tocantinzinho. A entrada da trilha que leva até o encontro é pela Fazenda Novo Horizonte, da dona Odésia. A dica é deixar reservado, na entrada da propriedade, um almoço a ser preparado pela anfitriã, que oferece opções de pratos mais tradicionais da região acompanhados de uma exclusiva “cachaça de raízes”. Na volta da trilha, depois de alguns mergulhos em poços de água esverdeada, é só repor as calorias. A entrada na propriedade custa R\$ 7,00.

### Natureza que aguça o misticismo

A cidade Alto Paraíso é ponto de encontro já há algum tempo de grupos esotéricos que creem vivenciarem nesse lugar uma energia única e diferenciada. Pudera, essa essência mística é perfeitamente plausível e digna de um paraíso cercado por serras, rios e cachoeiras compondo uma natureza pulsante e farta em vida. Como se não bastasse, os cristais abundantes alimentam essa atmosfera mágica. É impossível passar por ali sem se envolver pelo clima energético do lugar. Seja através das histórias místicas, das terapias alternativas ou da simples ruptura com a rotina frenética e individualista dos grandes centros urbanos.

Dentre as seitas mais expressivas que se tem notícia na região tem-se os Cavaleiros de Maytréia; os adeptos de Saint Germain que construíram as Cúpulas; e os seguidores de Osho. Novas seitas e correntes espirituais continuam chegan-



Foto: Elias Luiz

do, enquanto outras já deixaram a região. Mas todas têm em comum uma filosofia de vida voltada para o equilíbrio entre homem e natureza, hábitos alimentares mais saudáveis e a proposta de aproximação das religiões.

### Terapias Alternativas

Depois de se aventurar por trilhas, cachoeiras, cânions e corredeiras, que tal um pouco de massagem, terapias holísticas ou até um banho de ofurô para recompor todas as energias? Além do aspecto religioso, o clima místico da Chapada contribui fortemente para que a cidade de Alto Paraíso seja considerada um centro de terapias alternativas. O Spa Mandala oferece várias opções

delas em um espaço aconchegante e harmonioso, que já transmite uma sensação de paz desde a sua porta de entrada. O clima zen percorre os seus jardins que exalam os perfumes da aromaterapia, utilizada em sessões nas suas tendas decoradas para a prática das diversas possibilidades de massagens. Existem opções desintoxicantes, naturais, energéticas, terapêuticas, ou de auto-conhecimento. Independente das técnicas ou óleos utilizados, as massagens têm em comum a proposta de equilibrar corpo, mente e espírito. O espaço também oferece cursos para os interessados em se aprofundar em estudos de terapias holísticas.



Foto: Elias Luiz

### Caçando passarinhos

**A atividade de observação de aves, põe o Brasil como rota obrigatória, devido a sua imensa diversidade, garantindo o posto de 2º lugar no planeta**

Por Ricardo Contel

Estávamos percorrendo a propriedade da Fazenda Portal da Chapada, que há anos vem investindo em estrutura hoteleira para receber ecoturistas de todo o País e, graças à paixão por pássaros de seu proprietário, “Seu” Cabral, tornou-se um centro de referência para observação de aves. Começamos a andar pela fazenda e nossa guia, Ana Cavalcante, apontava, a cada minuto, um pássaro, identificando-o com seu nome popular e científico. Praticávamos um segmento de turismo que vem se difundindo com força em países do hemisfério norte, mais especificamente na Europa, chamado de Bird Watching, ou observação de aves.

“É uma grande comunidade, onde não existe competição, mas muita solidariedade. Cada um possui sua lista pessoal de aves já avistadas” - explicava Ana - “O material do birdwatcher, é um guia de campo com ilustrações de pranchas ou fotos, um binóculos e máquina fotográfica”.

Quando nos distanciamos da propriedade, adentrando uma mata fechada, Ana sacou um I-Pod com amplificador e fez tocar o canto do Soldadinho (*Antilophia galeata*). Permanecemos em silêncio. Minutos depois, surgiu um exemplar daquela espécie, voando como um foguete - característico da espécie - de uma coloração incrivelmente avermelhada do topete até o meio das costas, que ficou circulando o grupo, em vôos rápidos. Mas, com paciência, habilidade e binóculos em punho,

conseguimos avistá-lo, em close, carimbando nossa lista recém-criada de aves avistadas. Tomei gosto pela atividade em poucos minutos de prática.

O Brasil é considerado hoje, o segundo país em variedade de pássaros, desbancando recentemente o Peru, com 1.822 espécies cadastradas. A Colômbia continua em primeiro lugar. Um paraíso para esse tipo de turista, que é capaz de passar por todo o tipo de perrengue possível - acordar às quatro horas da manhã para poder iniciar um manhã de “caça” antes do sol nascer, é um deles - para avistar uma determinada espécie e, após avistá-la, dar meia volta e interromper o passeio. “Às vezes eu não me conformo com a pontualidade de alguns gringos. Eles viajam milhares de quilômetros para avistar “aquela” ave. Ao vê-la, acabou o passeio, retorna satisfeito para seu país e pronto! Assim é essa comunidade”, conclui Ana com um sorriso no rosto.

Para saber mais sobre as aves da Chapada: [www.ecorotas.com.br/index.php/content/view/1186/html](http://www.ecorotas.com.br/index.php/content/view/1186/html)

Para saber mais sobre as aves brasileiras: [www.aves.brasil.nom.br](http://www.aves.brasil.nom.br)



Foto: Ricardo Contel

Ana Cavalcante e seu I-Pod para atrair pássaros reproduzindo o seu canto



Fotos: Ana Cavalcante

# Memória de tempos fartos em ouro

## A riqueza do município de Cavalcante agora está em seus pequenos paraísos naturais

### Ciclos econômicos

O turismo só começou a figurar como principal atividade econômica na Chapada há cerca de 30 anos. Antes disso, a região passou por diferentes ciclos econômicos desde seu povoamento.

Na gênese de sua colonização, são feitas referências aos índios que teriam habitado zonas mais quentes da região, sendo identificadas duas tribos: dos Crixás e dos Ava-Canoeiros.

O povoamento efetivo do território teve início a partir de 1735, quando os Bandeirantes descobriram minas de ouro no atual município de Cavalcante, formando algumas vilas. Traziam consigo escravos negros, que logo fugiam para os vãos entre as montanhas, onde constituíam comunidades que até hoje vivem isoladas na região, os kalungas.

Em 1750, um grupo de fazendeiros criou um povoado chamado Veadeiros (atual Alto Paraíso de Goiás).

Até 1800, o garimpo de cristal e de ouro às margens do Rio São Bartolomeu, assim como o cultivo de trigo e café figuraram entre as principais atividades econômicas. No século 19, o ciclo mais importante foi o da caça de veados (responsáveis pelo nome da Chapada). O couro era exportado para Minas Gerais e para o Porto de Belém. Nos séculos XX e XXI, uma atividade que se destacou foi a da pecuária. Os moradores locais se lembram que a atual propriedade da Granja do Torto, atual residência presidencial no Distrito Federal, era ponto de pouso dos peões que levavam o gado para São Paulo. Com a construção de Brasília, no caminho por onde o gado era levado, estabelecendo-se o processo de modernização do Centro-Oeste, esta atividade entrou em decadência na Chapada, dando início ao ciclo mais recente, o do ecoturismo. Essa mudança promoveu a vinda de novos visitantes e moradores, interessados em um estilo de vida mais alternativo e em sintonia com as belezas naturais da região.

**D**ecorada por remanescentes casinhas em estilo colonial, Cavalcante é o marco histórico da Chapada. Quando da sua fundação, em 1740, a febre do ouro trouxe centenas de pessoas em busca de tempos melhores, vindos de diversas partes do País, ocupando e povoando esse lugar longínquo. Situada no flanco norte do Parque Nacional (abrangendo 65% de sua área total), a cidade é cercada por grandes paredões de pedra, que guardam com imponência, as marcas de uma história escrita com sangue de conflitos étnicos, entre bandeirantes e os índios e escravos.

Mais de 100 cachoeiras compõem este mundão de cerrado farto de água e cortado por trilhas centenárias, que servem como cenário perfeito para práticas de esporte ao ar livre. O turismo praticado na região é baseado em algumas regras, como atividades socialmente justas e uma séria preocupação ambiental e economicamente positiva. Uma trilha fascinante é a da Ponte de Pedra, curiosa composição rochosa formando um arco de 30 metros sobre o Rio São Domingos, que desliza em uma garganta saltando por mais de 100 metros e escorrendo pelos paredões do Parque Nacional.

No trecho que liga a cidade de Cavalcante à comunidade quilombola kalungas do Engenho II, a subida da serra propicia um espetacular visual sobre um vale coberto por um mato ralo, cortado por algumas baixas árvores retorcidas, caracterizando o cerrado em sua mais pura essência.

No caminho, após subir aproximadamente 100 metros, encontra-se uma cachoeira de nome bem sugestivo a “Ave

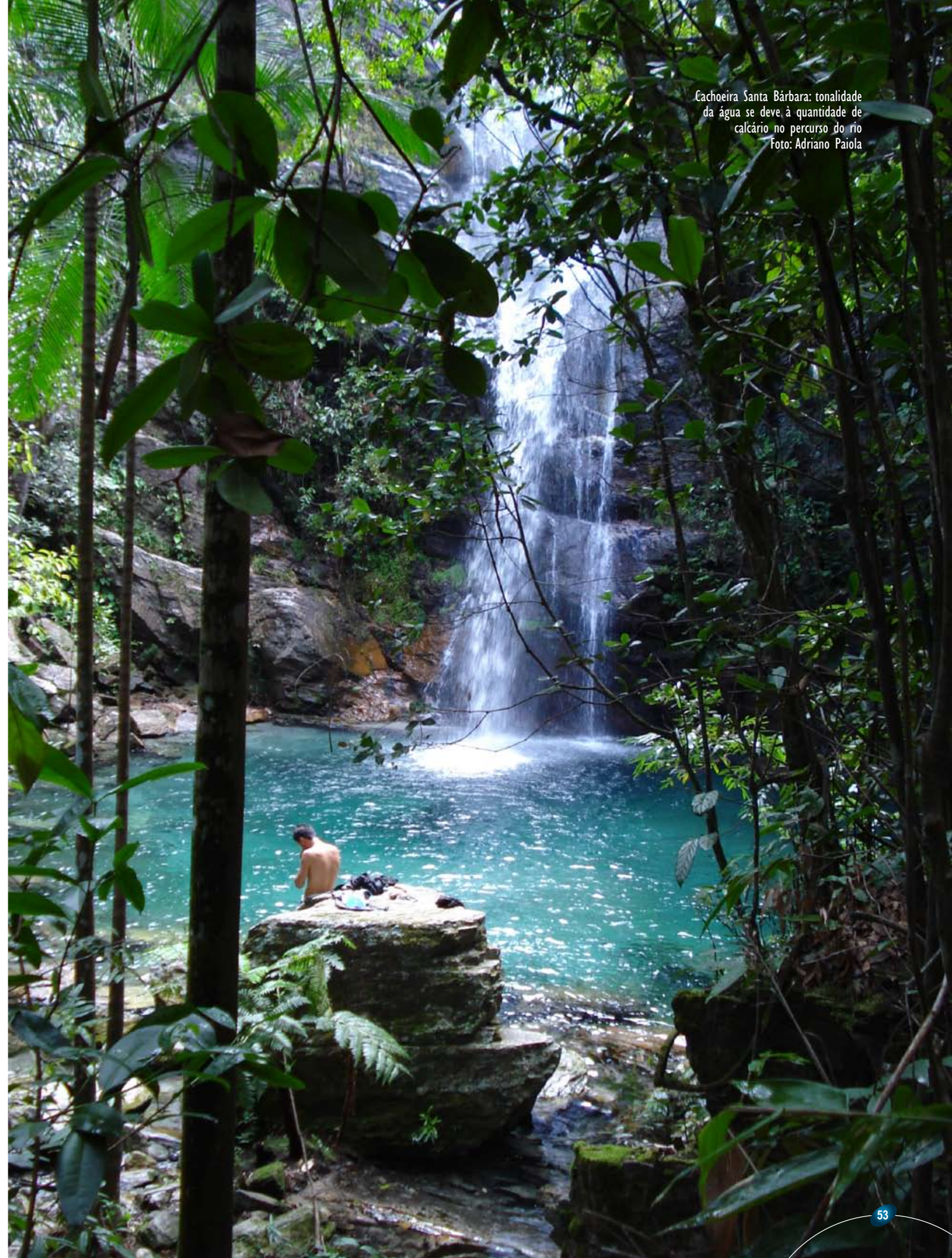
Maria”, um desfiladeiro gigante de aproximadamente 90 metros que despenca por um vale com diversos cânions ao lado.

Ao passar pela comunidade Kalunga do Engenho, não perca a oportunidade de conhecer o Sr. Cirillo e a Dona Getúlia, um simpático casal da comunidade que espera os turistas que chegam em busca das famosas cachoeiras da Chapada, para lhes servir em sua casa uma deliciosa degustação da comida típica da região.

Ao prosseguir a caminho da Cachoeira de Santa Bárbara (a 5 km da comunidade do Engenho), nosso 4x4, atravessou diversos córregos de águas extremamente límpidas e transparentes até chegar a um local de difícil acesso, nos obrigando a caminhar por um trecho de três quilômetros até a Cachoeira. Segundo os locais, esta queda é a mais bela da região. Suas límpidas águas azuis são de beleza rara, lembrando os tons vistos nos mares do Caribe. Esta tonalidade se deve ao fato de haver muitos calcários no curso do rio. O mergulho no lugar atinge a visibilidade de oito metros, mas para alcançar esta transparência, é necessário chegar entre os horários de 10 e 14 horas, quando o sol está a pino batendo acima da copa das árvores que cercam o local.

Na volta, bem próximo à comunidade, uma cachoeira com o nome de Capivara I abre um vale de visual impressionante e simplesmente espetacular. Cachoeiras em uma sequência de 70, 80 e 100 metros despençam em um vale de cânions, propício para o canionismo. De lá se avista o Vão das Almas, uma região de altas montanhas que mantiveram outra comunidade kalunga isolada por centenas de anos.

Cachoeira Santa Bárbara: tonalidade da água se deve à quantidade de calcário no percurso do rio  
Foto: Adriano Paiola



# Rio abaixo

Devido às condições do relevo, riqueza hídrica e histórico geológico, Veadeiros pode ser considerada a Meca do Canionismo

A região da Chapada dos Veadeiros é rica em cânions devido à constituição de seu solo e a riqueza hídrica que, pela ação da erosão das águas dos seus rios durante milênios, esculpiu o solo, revelando rochas das mais variadas formas e cores, abrigando várias espécies vegetais, propiciando um verde vistoso em cenários inacreditáveis. Só quem se atreve a encarar a prática do canionismo, tem o privilégio de vivenciar espaços praticamente inacessíveis e incrível beleza, onde a força da água mostra o seu melhor presente.

A prática do canionismo consiste basicamente em percorrer o leito dos rios, com a correnteza a seu favor. Ao deparar-se com um degrau de algumas centenas de metros de altura, a diversão começa utilizando técnicas de descidas verticais.

Os equipamentos utilizados, são oriundos das atividades do montanhismo e da espeleologia (exploração de cavernas), que combinados, fornecem à essa prática esportiva recente, toda a aparelhagem necessária.

Entre os materiais mais empregados, estão a cadeirinha individual, que possibilita fixar o corpo – por intermédio de ferragens – ao cabo e descer as cachoeiras. Dependendo do tempo de permanência na atividade, são utilizadas roupas de neoprene (oriundas da atividade do mergulho) para manter a temperatura do corpo que, em contato direto e constante com a água, pode perder temperatura muito rapidamente, ocasionando a hipotermia.

Dentre os roteiros de canionismo da Chapada, além da Cachoeira de Almécega - Circuito de Aventura (pág. 48) há também os Cânions Raizama e Macaquinhos. Clássicos e bem mais técnicos, possuem quatro descidas em cachoeiras e mais de 1 km de extensão rio abaixo.

Essa atividade possui guias especializados e a adrenalina é garantida.



Ao lado, Michelle encara seu primeiro rapel na Água Fria. Na página ao lado, um desafio ainda maior



## Meu primeiro Cânion

Por Michelle Maciel

Apesar de não ter medo de altura, meu peito palpitava, sabendo que poucos minutos me separavam do início da atividade de rapel, que me levaria cachoeira abaixo, pendurada apenas por uma corda – o guia me explicou que se chama cabo. Eu estava prestes a descer a Cachoeira Água Fria, minha primeira experiência no canionismo, com 130 metros no total. Sentia o meu coração diminuindo...

Gudu era o nome do meu guia. Estavam para os menos íntimos. Vestido com seu neoprene, com cadeirinha e diversos mosquetões pendurados, começou a dar as primeiras orientações. Fizemos o treino numa pequena pedra onde dava pra sentir o gostinho da adrenalina que me envolveria minutos mais tarde. Apesar da linguagem técnica usada por todos, aos poucos fui me adaptando. Gudu me deixou muito confiante, esclarecendo cada dúvida que surgia em relação aos equipamentos de segurança. Minha maior preocupação.

Devidamente equipada, ancorada e com as pernas trêmulas, comecei a descer a primeira etapa. Uma cachoeira de 40 metros! Para minha surpresa, o medo maior havia passado



depois que me vi sozinha, descendo aquele paredão molhado e escorregadio. Minha confiança aumentava a cada descida. Dois guias me aguardavam abaixo.

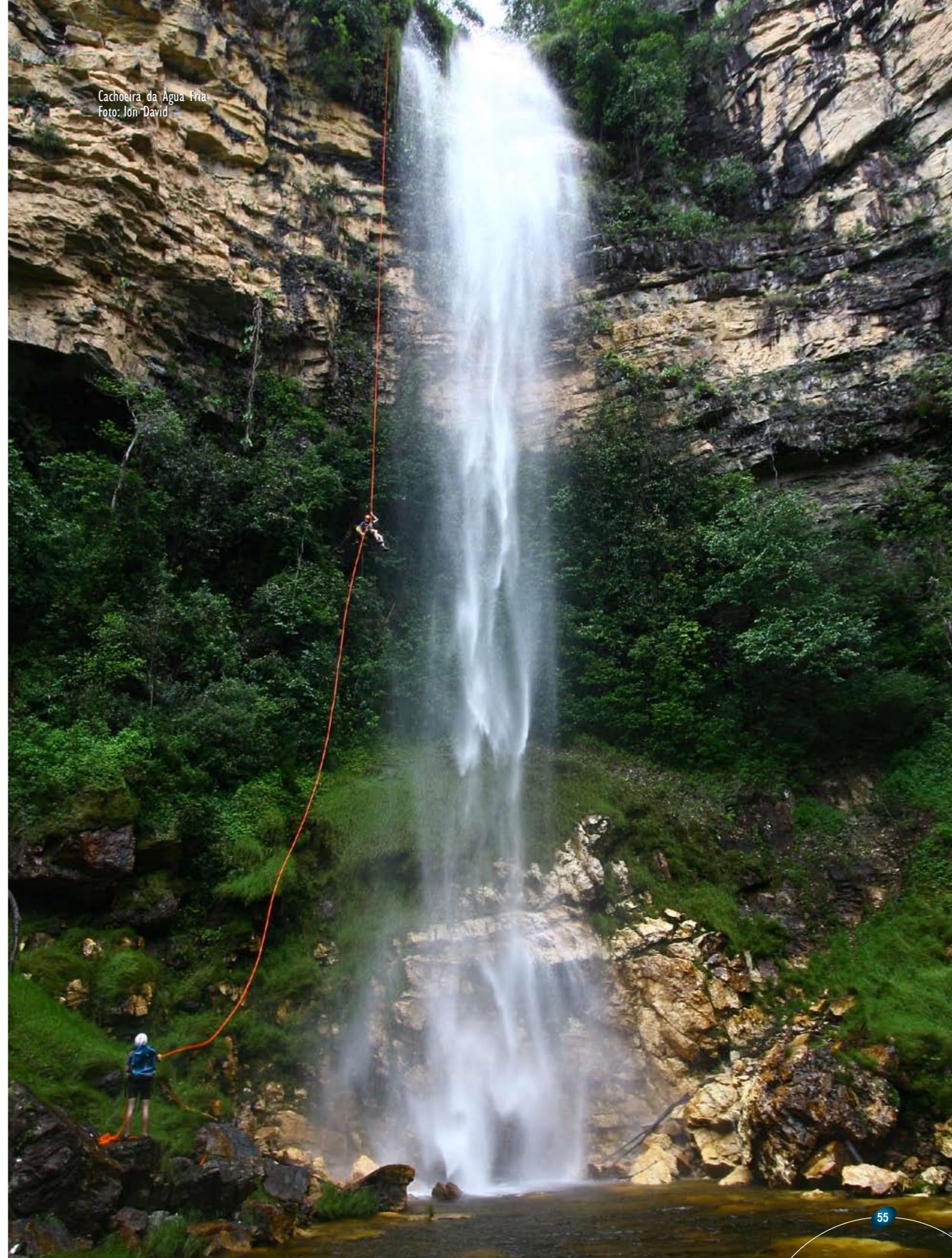
Terminei a primeira etapa um tanto adrenalada. Um misto de satisfação, conquista pessoal, mas sem muita coragem de enfrentar os 90 metros seguintes. Só

de olhar pra baixo dava arrepio na espinha.

Havia a possibilidade de eu encerrar minha aventura lá mesmo, e voltar por uma trilha até o topo. Alguns me encorajavam a continuar. Outros, talvez por prudência, permaneciam calados ou respondiam um “pois é”, quando eu questionava se deveria continuar.

Resolvi encarar aquela descida que levava para um abismo que não tive coragem nem de olhar lá de cima. Descer a última etapa foi sem dúvida a melhor escolha que fiz. Inexplicável a sensação da água caindo, levando embora o medo e me trazendo a satisfação de contemplar a paisagem e desfrutar da rica natureza que lá havia. Um buraco no meio do nada num cerrado seco, que brotava vida por todos os lados, como eu nunca havia visto.

Cachoeira da Água Fria  
Foto: Ión David



# Reinventando as tradições do cerrado

Grupos locais mantêm vivas manifestações culturais da região através de festivais, projetos sociais, oficinas e associações de arte

Por Camila Fróis



Foto: Ion David

Apresentação de grupo de música regional durante Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, que acontece todos os anos na Vila de São Jorge, no mês de julho



Foto: Elias Luiz

Capoeira de Angola no Ateliê Casa do Sol, que é sede da Associarte



Foto: Marcos Brasil

Ateliê do artista plástico e guia Marcos Brasil, que pinta as cores e formas do cerrado; abaixo, grupo Tear Itinerante, que resgatou a técnica junto às comunidades Kalungas, utilizando pigmentos naturais da flora local



Foto: Elias Luiz

A preocupação com a preservação ambiental, a integração social e o resgate cultural das tradições regionais em Alto Paraíso e São Jorge, conferem uma aura muito particular ao município. O envolvimento da comunidade, alguns operadores de turismo, artistas e ecologistas, promovem um cenário onde diferentes projetos e grupos culturais ou comunitários conciliam o propósito de tornar o lugar onde vivem mais acolhedor, menos desigual e mais sustentável, conservando ou recriando a mais rica cultura do cerrado.

Um exemplo destes projetos é o “Turma que Faz”, liderado pela bem humorada artista popular Doroti Marques, que construiu uma escola para as crianças de São Jorge. Lá ensina pintura, dança, capoeira, violão, informática, futebol e a musicalidade dos tambores. As crianças constroem seus próprios instrumentos com madeiras recicladas, aprendem a tocar e dançar, montam espetáculos e até óperas que apresentam em outras cidades. Atualmente, os participantes do projeto, que hoje é financiado pela Petrobras, estão engajados na gravação de um cd, com o propósito de retratar os

sons do cerrado. Segundo Doroti, a proposta não é só que os alunos conservem as tradições artísticas regionais, mas que também criem arte a partir de suas próprias percepções e das referências que aprendem nas aulas.

As apresentações das crianças do Turma que Faz é uma das atrações do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, que acontece em São Jorge, no mês de julho, há nove anos. O evento mistura dança de variadas tradições populares afro-brasileiras, cultura indígena, grupos folclóricos, poesia, música regional, entre outras manifesta-

ções. No período do Encontro, promovido pela Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge em parceria com a Associação dos Moradores da Vila de São Jorge (ASJOR), os diferentes grupos podem compartilhar suas histórias, saberes e modos de fazer cultura.

Durante nossa expedição pela Chapada, tivemos a oportunidade de conhecer vários destes artistas, que se reuniram no Ateliê Casa do Sol, em Alto Paraíso, para nos mostrar um pouco do seu trabalho e contar suas histórias. No espaço decorado por artesanatos de buritis, instrumentos e teares, pudemos descobrir um pouco mais sobre a tradição da Catira, por exemplo, que mistura influências de bandeirantes portugueses, africanos e índios.

Os participantes do grupo explicam que a manifestação surgiu em celebrações religiosas chamadas de folias, como as famosas Folias de Reis, que passam por várias casas, sendo que a brincadeira da Catira servia para alegrar os anfitriões. Já a Capoeira de Angola é uma tradição tipicamente africana trazida pelas irmandades negras no período da escravidão e conservada em diversas regiões do País como símbolo da resistência da cultura negra. O capoeiristas lembram que durante um bom tempo, este tipo de luta era reprimido devido às suas influências africanas, mas hoje é visto como uma forma de integração social e valorização das raízes culturais do Brasil.

Outro grupo bastante interessante em Alto Paraíso é o “Tear Itinerante” que resgata a prática do tear das comunidades quilombolas da região, utilizando fios tingidos pelas próprias mulheres kalungas com pigmentos naturais obtidos na flora do cerrado. Apesar de retomarem esta técnica tão antiga, as artesãs utilizam um tear portátil, que lhes permite ministrar oficinas em diversos lugares, participar de exposições e mostras culturais. Para elas, tear, mais do que artesanato, é terapia, arte e sustentabilidade.

Este mosaico de projetos, grupos e trabalhos artísticos, além de gerarem renda e promoverem educação e cultura, somam um atrativo a mais para a Chapada, estimulando o turismo na região.

# Kalungas

## O isolamento geográfico preservou a cultura do povo quilombola

Isolados por cerca de 250 anos, os kalungas constituem ainda hoje comunidades com hábitos muito particulares, praticando uma economia socializada e uma agricultura de subsistência. Chegaram ali fugindo da escravidão e se isolaram entre os vales e afluentes do Rio Paraná, em lugares quase inacessíveis.

O isolamento em uma natureza rude, que segrega ainda mais seus habitantes, faz com que eles vivam como há séculos atrás, muitas vezes em estado precário, precisando caminhar cerca de cinco quilômetros para pegar água, ou ficando isolados por meses sem ter acesso a um hospital. Entre os domínios de suas propriedades (hoje demarcadas pelo INCRA como "Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga"), encontram-se algumas das maiores belezas da Chapada, por entre cânions e cachoeiras.

Os contatos mais intensos destes povos com a sociedade depois que fugiram das minas de ouro, onde eram escravos, se deu em 1982, através do trabalho da antropóloga Mari Baiocchi, que iniciou uma pesquisa em suas terras. A antropóloga conta que nesta época empreendeu uma longa e complexa expedição percorrendo trajetos de difícil acesso em áreas acidentadas por serras e vãos, habitat dos kalungas, até conhecer comunidades como as da Contenda, Vão de Almas, Vão do Muleque e Ribeirão dos Negros. Seus moradores mantinham hábitos culturais intactos até então, desconfiando da presença dos brancos. "Quando lá chegamos em 1982, ficamos apreensivos, julgando que nossa presença pudesse significar uma nova escravidão. Alguns escondiam-se para não nos receber. Para os moradores das serras o "perigo" da escravidão não havia passado", conta Baiocchi. "Ficamos sabendo que nunca esperavam um povo desse chegá ali, e, se chegô foi por Deu-

zo'. Essas palavras de uma moradora do Riachão veio arrefecer os ânimos, e, daí em diante convivemos com as comunidades, desenvolvendo laços de amizade e respeito", lembra a pesquisadora.

Hoje, os remanescentes chegam a quatro mil, distribuídos por cinco núcleos. Tratam-se de pessoas simples e profundas, que preservam hábitos mais puros, como a caça, a pesca, o tear, a confecção de artesanatos e a sua própria cultura de alimentos e de plantas medicinais para a cura de doenças. Mesmo quando entraram em contato com a cultura dos brancos, mantiveram-se resistentes às influências externas, mantendo a simplicidade e a relação harmoniosa entre si e com o ambiente em que vivem.

### Turismo Solidário

A Travessia Ecoturismo está desenvolvendo na região uma nova forma de turismo conhecido como turismo voluntário, praticado em parceria com a instituição de caridade Cancer Research, que arrecada recursos para investir na pesquisa do câncer. Parte desses recursos são destinados à aquisição de materiais para reformar escolas em vários países. O projeto em 2008 consistiu na construção de três novas salas de aula no povoado do Engenho II para o ensino de segundo grau e um curso técnico.

A proposta é que o trabalho ajude a reduzir o problema de evasão dos jovens, que a comunidade Kalunga enfrenta. Eles vão para a cidade estudar, mas, em geral, não voltam, tampouco concluem o ensino.

Com a iniciativa, já se consegue identificar o resgate das manifestações culturais mais expressivas das comunidades, que organizam apresentações, onde expõem a culinária, as danças e músicas próprias.



Fotos: André Dib



Acima, o povo Kalunga no seu dia-a-dia; abaixo participantes do projeto Turismo Solidário interagem com a comunidade



Foto: Ion David



Alguns Kalungas chegam a ter que andar 5 km para buscar água  
Foto: André Dib

# Onde o mar virou cerrado

Texto e fotos: André Dib

Enquanto o sol dourava os pequi-zeiros surgindo furtivamente entre pesadas nuvens cor de chumbo, eu cruzava o Vão do Rio Claro, pedalando sobre a planície verde do Cerrado denso e sentindo o cheiro premonitório da chuva. Os paredões vertiginosos de quartzito alaranjados formavam penhascos de até 300 metros resguardando a face norte do Parque Nacional, elevado sobre um grande platô. Naquele momento, eu cruzava o antigo Mar de Arai, por mais que pareça estranho: em plenos rincões do Centro-Oeste brasileiro. Este mar recobriu toda essa região e deixou suas marcas há quase um bilhão de anos.

Os mesmos rochedos, por onde eu

passava, testemunharam o Período Jurás-sico e assistiram ao lento afastamento da América do Sul em relação à África após a cisão do antigo supercontinente denominado Gondwana. Por isso, muitos estudiosos acreditam que eles estão entre as formações mais antigas da América do Sul. Uma viagem pelas eras geológicas. Saí por volta das 7h30 da manhã da cidade de Cavalcante rumo ao povoado da Capela. Levava comigo uma pequena bar-raca e algumas provisões que estufavam os alforjes atados ao bagageiro da bicicleta. Nesse primeiro trecho, resolvera pedalar cerca de 60 km, cortando uma paisagem em estado bruto entremeando troncos tortuosos.

Após os primeiros 10 km, fui contem-

plado com uma forte descida, até mar-gear o vale do Catingueiro, coroado pela grande muralha que eleva o platô do Par-que. O nome Catingueiro faz alusão ao veado-catingueiro, cervo comum na Cha-pada. Estuda-se a implantação da portaria norte do parque por ali. O sol forte, ago-ra predominante, pedia descanso para aliviar o calor implacável num sobe-e-desce tênue, mas contínuo. Todavia, aproveitan-do a cadência imposta por mim e com o relevo a meu favor, não parei. Desprezei alguns riachos pelo caminho, acreditando na abundância de água naquela região. Pedalava com ímpeto quando as forças começaram a se exaurir, ao mesmo tem-po em que a água se esgotava nas gar-rafinhas. A cada descida, avistava jardins

Movido por uma especial paixão pela aventura, o fotógrafo André Dib encarou três dias de pedalada forte contornando o Parque

formando refrescantes poços naturais. O descanso nas águas reergueu minha moral. Estava munido de uma energia secreta que me pôs novamente em prumo, ansioso por seguir meu destino. Passei rapidamente pelo povoado da Capela e parei para comer algo sob a sombra rala de uma sucupira. Restabelecido, voltei ao empoeirado caminho em direção ao po-voadado da Ponte do Rio Preto, como era conhecido. Foram mais 18 km vencidos em pouco mais de uma hora, totalizando 79 km rodados.

“O senhor não é goiano!”, exclamou dona Cisa, logo na entrada do vilarejo composto por cerca de 20 casas. “O seu rompante da fala não é daqui” comple-mentou, me apontando os lugares em que eu podia tomar um banho de rio e acampar. Deliciei-me nas águas escuras do Rio Preto e voltei à vila para descansar. Conheci o Sr. Durval, que perguntou para onde eu ia, e se eu estava só. Ofereceu-me pouso, comida e me alertou “cuidado rapaz! Viajante sozinho por essas banda, costuma dar o de comer pra onça”.

## Avá-Canoeiro

Com o rompimento do silêncio da manhã pelo grito das araras, eu me despedia de meus anfitriões saboreando alguns pãezinhos de queijo e o café servido num bule fumegante. Ao contrário do dia anterior, a manhã estava fresca e aproveitei para apressar o “passo”. O caminho, agora, com um desnível mais acentuado não continha o ritmo e a estrada curvava-se longamente para o oeste. Percor-

ri 28 km até a cidade de Colina do Sul, no outro extremo do Parque. A partir daquele momento, ultrapassava a metade da jornada proposta e comecei então meu caminho de volta.

Essa região já foi habitada pelos temíveis índios Avá-Canoeiro. Os Avá foram os habitantes mais aguerridos da região. Expul-saram e massacraram todas as outras tri-bos da redondeza. Perseguidos desde os tempos dos bandeirantes, nunca se entre-garam e nem aceitaram o contato com o homem branco. Eram nômades e exímios navegadores; supõe-se que vieram de lon-ge, remando pela bacia do Amazonas, até chegar às terras férteis às margens dos rios Maranhão e Tocantins. Várias expedi-ções tentaram exterminá-los. A última foi em 1962, conhecida como o massacre da Mata do Café, quando centenas de índios foram mortos por fazendeiros. Temidos e respeitados por todos os povos, desta vez não puderam resistir a um dos massacres mais covardes e cruéis promovidos pelos brancos. A partir daí, alguns sobreviventes passaram a viver escondidos em matas e grutas às margens do Rio Tocantins. Uma criança Avá foi descoberta, depois de muitos anos, largada com pneumonia na beira de uma estrada, o que fez com que aumentassem os esforços da FUNAI para localizá-los. Existem ainda seis remanes-centes que vivem no município de Minaçu, em uma pequena área guardada pela FU-NAI. Estima-se, entretanto, que ainda haja cerca de 25 indivíduos sem contato com o homem branco.



A pequena igreja remete à simplicidade da arquitetura local



### Pelas águas do cerrado

Enquanto a tarde avançava, o céu se tornava ameaçador. O calor e a umidade começavam a tomar conta da atmosfera enquanto eu saía de Colina em direção ao Leste. Ainda não havia decidido meu paradeiro no segundo dia. Pensava em pernoitar no encontro das águas, onde o Rio São Miguel desemboca no Rio Tocantinzinho, que segue para o norte adensando-se no Tocantins para compor a grande bacia Amazônica, ou numa reserva particular de águas termais chamada Éden. Confesso que a idéia de um banho nas piscinas de águas termais, depois de 51 km pedalados, me parecia bastante atraente. Cheguei ao lugar me escondendo de uma tempestade que me cercava em grandes cortinas acinzentadas, ocultando toda a paisagem ao meu redor. Após o dilúvio, me dirigi às piscinas naturais, sob uma terna garoa que ainda caía. Permaneci mais de uma hora imerso nas águas translúcidas e revigorantes e saí do banho cruelmente esfomeado. Cozinhei rapidamente uma massa regada a molho de tomate enlatado, que apesar do aspecto não muito apetitoso, contou com o belo tempero da fome.

### Esforço recompensado

Voltando aos percalços diários, uma imensa subida me aguardava, era o único caminho a seguir. Logo na saída, a grande e interminável rampa me impelia com vontade. Saindo das águas termais, segui subindo por 12 km ininterruptos. O desnível não era assim tão desumano, mas, depois de dois dias e 140 km pedalados, a interminável subida se aliava ao calor, provocando um embate entre a vontade da mente e o limite do corpo.

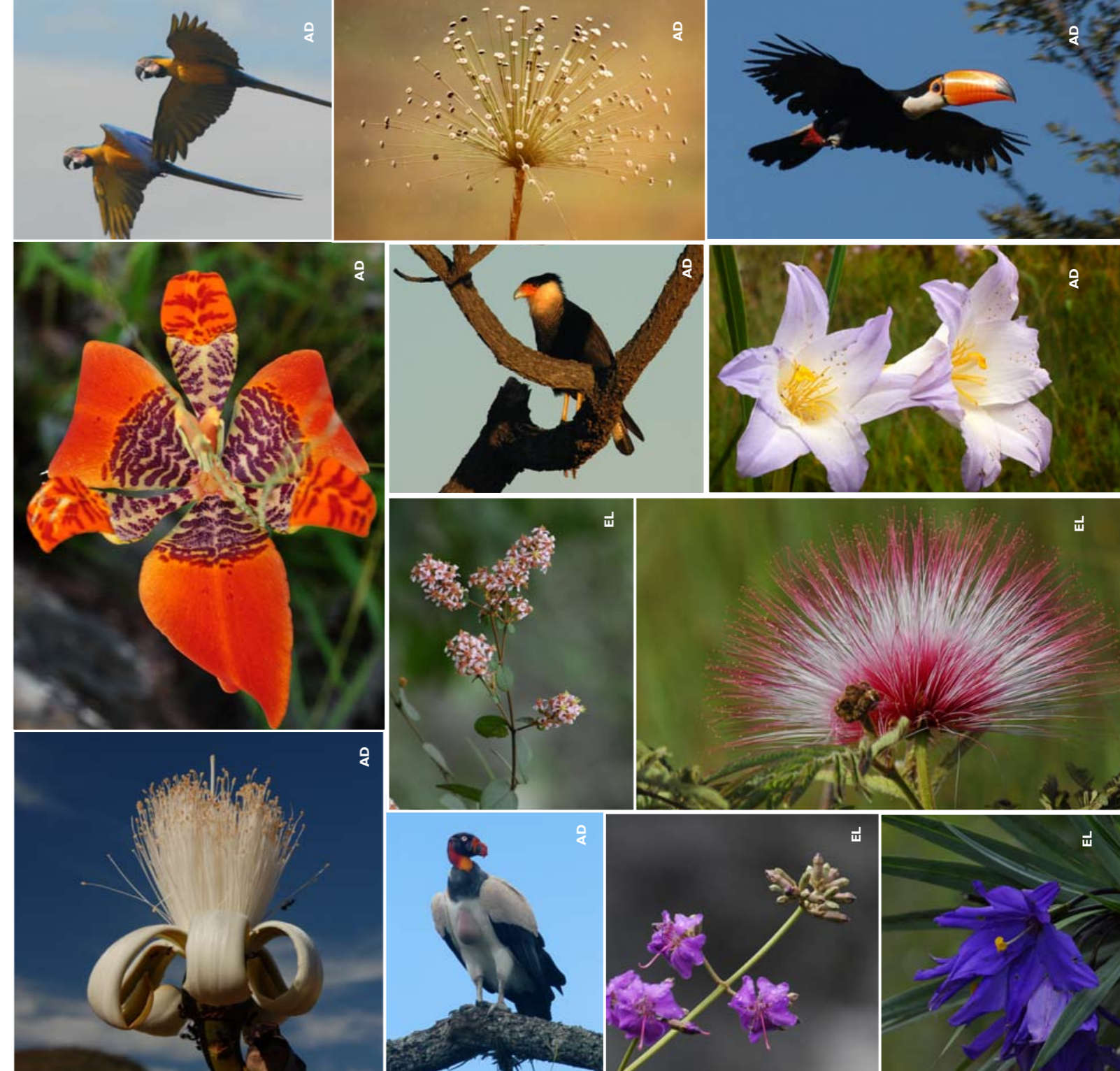
O pensamento, porém, superava o cansaço e depois de quase duas horas engrenado numa marcha lenta, que protelava tenazmente o meu destino, cheguei ao alto. Lá fui agraciado por uma vista impressionante de todo o vão do Rio Claro num grande abismo a minha esquerda, do outro lado, onde eu estivera dois dias antes, abrindo-se em uma janela emoldurada pela vegetação.

Quando a coisa fica mais fácil, temos que desconfiar. Faltavam cerca de 40 quilômetros para fechar o circuito da travessia proposta e o desnível maior já estava vencido, quando o pneu furou. Pacientemente saquei a roda traseira e curtindo todo aquele visual, fiz o reparo necessário, sentindo um vento brando trespassando meu rosto, mas o tempo mudou repentinamente e as nuvens formadas pelo calor dissimulavam o dia transformando-o numa atmosfera sombria e ameaçadora.

A poucos quilômetros de São Jorge a chuva despencou com vigor, mal tive tempo de proteger o equipamento fotográfico e a torrente inundou os alforjes fazendo-os dobrar de peso. A lama tomou conta da estrada, no curto caminho até a vila próxima, grudando nos pneus, penetrando entre

o garfo e os V-Brakes e freando a bicicleta forçosamente. Pedalar sob essas condições não era nada aprazível.

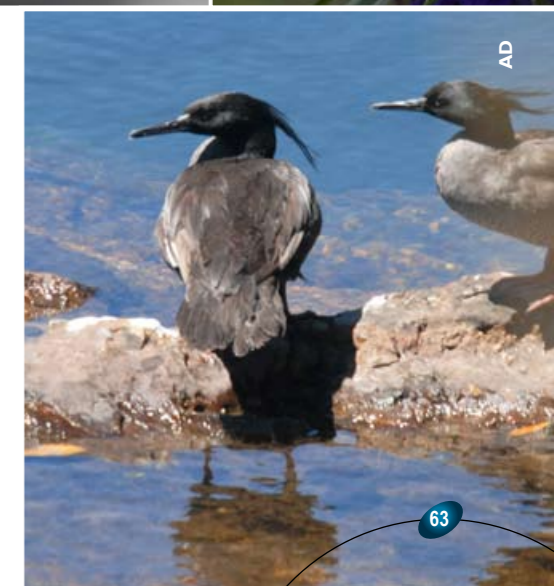
Chegando em São Jorge, me abriguei e esperei a chuva amainar e retomando o caminho por entre a lama e as poças barrentas, segui ansiosamente rumo ao destino final. A paisagem, muito diferente do norte do parque, agora se apresentava em grandes campos limpos de cerrado savânico, salpicados de buritis que se espalhavam sobre o capim rasteiro. Seriemas, tucanos e emas pareciam alvoroçados pela passagem do temporal e agora se exibiam pelo caminho, cruzando a estrada sem qualquer inibição. Avistando o morro do Buracão e o Morro da Baleia, sabia que o asfalto estava próximo, mas a chuva não me poupou de outro golpe. O frio potencializado pelas terras mais altas chegou com o aguaceiro. Parei novamente e já no asfalto me abriguei no Rancho do Seu Valdomiro. Figura ilustrada e personagem conhecido da Chapada, é dono de uma rústica venda coberta de palha na zona fronteira ao parque, junto à Pedra da Baleia. Ali se encontram doces caseiros, geléias, pequis e diversos produtos feitos artesanalmente com frutos do cerrado. Bom de prosa, seu Valdomiro me ofereceu dois dedos de cachaça da terra “Pra mó de espantar o frio”, o que eu aceitei de bom grado. Os últimos 18 km foram vencidos em uma hora, impulsionado pela vontade de chegar e pelo trecho asfaltado que me submetia a um ritmo mais acelerado. Avistando a Serra da Baliza, cheguei a Alto Paraíso. A tarde estava cinzenta e ornamentada por espaçadas tempestades torrenciais que caíam no horizonte, fechando os 182 km de pedal forte, visual impactante, boas histórias e muita água.



### Biodiversidade

Nas trilhas da Chapada, os buritis, que indicam que há água por perto, se revezam com flores de cores vivas como raizamas, candonhas violetas e canelas-de-ema. Em alguns lugares, porém, como no entorno do Vale da Lua, a vegetação baixa de cerrado dá lugar às matas mesofílicas, onde se encontram espécies de Mata Atlântica. Espécies raras de animais como os tamanduás, lobos-guarás, veados-campeiros, emas e tucanos de bico-amarelo se exibem pela paisagem, despreocupados com os olhares atentos dos curiosos. O pato mergulhão é um caso à parte: só sobrevive em lugares de águas

e ar puro em nascentes tranquilas, mas com corredeiras. Territorialista, ocupa cerca de cinco quilômetros de rio, não dividindo seu espaço com outros exemplares. Com tantas exigências, acredita-se que hoje só existam 250 espécimes no Brasil, divididas entre a Chapada dos Veadeiros e a Serra da Canastra. O “Projeto Pato Mergulhão” que é uma iniciativa da Funatura (Fundação Pró-Natureza) e conta com a colaboração da Associação de Guias da Chapada está trabalhando para catalogar e estudar seus hábitos e características, pois a espécie está desaparecendo, antes mesmo que tenha sido estudada. (Fotos: André Dib e Elias Luiz)



O calor, as subidas e o peso dos alforjes por vezes tornava o desafio mais intenso

# Travessia Leste

De Alto Paraíso até São João da Aliança, a clássica travessia da Chapada dos Veadeiros se completa em três dias de belas paisagens, cenários contrastantes e boas experiências junto à natureza

Texto e fotos: André Dib

Sob um dia quente e ensolarado, começamos a caminhada cortando as ruelas da cidade, chamando atenção com nossas mochilas cargueiras. Alto Paraíso foi o ponto de partida para a Travessia Leste, uma trilha clássica na Chapada dos Veadeiros. Após vinte minutos caminhando, saímos do trecho urbano para percorrer a trilha, propriamente dita. Subimos uma pequena serra, caminhando sobre fragmentos de cristais de quartzo que reluziam na terra, lembrando um grande espelho estilhaçado, até a Cachoeira do Cristal. Seguimos para a Cachoeira da Água Fria, uma imponente queda de 130 metros, precipitando-se sobre uma espessa mata de galeria, onde os capões de mata exibem um verde intenso o ano todo, mesmo nas estações secas, entre setembro e abril. Passamos pelo alto da queda, de onde avistávamos todo o Vale do Moinho. Pacheco, meu guia, sugeriu que fôssemos até a parte baixa da cachoeira. Descemos pela trilha íngreme, marcada pelos tons difusos da montanha e atingimos a pequena mata que dificultou, mas não dissuadiu nosso banho.

Voltando à trilha, contornamos a encosta que margeava um grande vale e começamos a descida para o Povoado do Moinho, onde faríamos nossa primeira pausa. Essa região de terras férteis guarda a história da atual Alto Paraíso, antiga Fazenda Veadeiros, que deu origem a um povoado, marcando o início da colonização na região em meados do século XVIII. O nome Chapada dos Veadeiros faz referência aos antigos caçadores de veado-campeiro, abundante nas cercanias da chapada, que enviavam o couro das caçadas para Minas Gerais e o porto de Belém.

Chegamos ao Moinho no final de tarde e fomos recebidos pela simpática Dona Leonia, que faz parte dessa história e lembra os bons tempos, quando o povoado fartava-se com a colheita do trigo. O segundo dia amanheceu claro, mas com nuvens se acumulando sobre o vale. Contrariando todas as previsões climáticas, Dona Leonia profetizou ➤

A flora diversificada  
colore todo o  
percurso da travessia

“você vai molhar, filho”. E como a experiência é a lei que rege o tempo por ali, caminhamos cerca de 20 minutos para que a chuva nos atingisse em cheio. Chegamos ao sopé da montanha encharcados e começamos o zigzag contínuo pela “Serra da Pedra Ruim”, nome que os nativos dão à subida até o topo aplainado da Serra da Baliza. Olhando pelas frestas de nuvem que se abriam rapidamente depois da chuva, seguíamos vislumbrando a paisagem marcada pela vista da Serra Geral, que divide Goiás com a Bahia.

Atravessávamos aquela vasta extensão de terra, marcada por horizontes largos, passando por um grande platô, coberto por uma gramínea rala salpicada de capim-estrela. Seguimos até alguns olhos d’água que brotavam na pastagem silvestre e continuamos margeando o Rio Ferreirinha até o topo de uma grande queda emoldurada por totens gigantes e imponentes. Tais formações nos fizeram pensar sobre como, em meio às agruras de um lugar inóspito, a natureza sabe ser exuberante.

Nossa próxima parada seria na Cachoeira do Sertão Zen, cujo nome provavelmente remete à harmonia profunda que reina no lugar. Percorremos a borda do abismo e percorremos um campo de capim alto que ocultava as rochas, dificultando nossa passagem. A paisagem que se seguia era intrincada e composta por formações rupestres.

Descemos em direção ao vale do Rio Macaco e encontramos um riacho de águas cristalinas que restabeleceu nossos ânimos. No final da tarde, atravessamos o Rio que forma uma sequência incrível de cascatas coroadas pela Queda da Catedral, uma imponente cachoeira



Percurso pouco conhecido entre Alto Paraíso e São Jorge, em frente ao Morro da Baleia; o sol doura a vegetação rasteira, provocando uma luminosidade muito especial na paisagem

de 50 metros que cai sobre uma grande piscina natural de águas avermelhadas. Sem dúvida, um dos pontos altos deste trekking.

Iniciamos o terceiro dia rompendo um cenário idílico, formado pela vastidão interrompida por grandes morros. Após subirmos ao chapadão, avistávamos o vale do Rio Paranã. Nesse trecho, as plantações de soja e milho estendem-se até o horizonte, evidenciando problemas como o desmatamento e a substituição de áreas do cerrado original, com sua grande variedade de plantas, pelo cultivo de uma só cultura. Apesar de comum nessa região, a prática da monocultura gera o empobrecimento gradativo do solo, a proliferação de pragas, a poluição dos mananciais, além de modificar o ambiente natural dos animais, alterando de forma trágica esse bioma extremamente rico, frágil e vulnerável.

Descemos novamente por um capim

alto que insistia em ocultar o caminho, onde a experiência do guia falou mais alto. Não é à toa que Pacheco foi considerado em 2007, o melhor guia do Brasil pelo “Guia 4 Rodas”. Chegamos, ao cair da tarde, no complexo de cachoeiras Macaquinhos no município de São João da Aliança, onde o rio Macaquinho desce permeando um vale por alguns quilômetros, precipitando-se em bonitas quedas e formando deliciosas piscinas naturais em tons e nuances de verde-esmeralda. Depois de três dias, terminamos os cerca de 70 km percorridos. O entardecer na Chapada nos trazia um sentimento de pequenez e perplexidade diante daquela natureza rude, bela, ameaçada pelo homem e suas reações exacerbadas. Percebi que fazemos parte de um todo muito maior, que nunca vamos compreender, mas que, muitas vezes, permitem que nos afastemos um pouco da rotina e da vida cotidiana.



## CHAPADA DOS VEADEIROS

PATRIMÔNIO NATURAL DA HUMANIDADE

Um dos lugares mais antigos da Terra.  
No coração do Brasil.

5 dias a partir de  
**5x R\$204,00\***

1 semana a partir de  
**5x R\$257,00\***



(62) 3494-1536

WWW.CHAPADAVEADEIROS.COM.BR  
WWW.CHAPADAVEADEIROS.TRAVEL  
Mur 09.019366.10.0001-5

\* Inclui: transfers terrestres, guia, hospedagem em pousada com café da manhã e seguro ecoturismo. Preços por pessoa em apto duplo sujeitos a alteração e disponibilidade. Consulte-nos para outras condições e opções.

## Pousada VALE DAS ARARAS

Reserva Particular do Patrimônio Natural



Venha curtir o que há de melhor na Chapada dos Veadeiros

Tel.: 62 3459-0007 / 9665-4447  
www.valedasararas.com.br  
Cavalcante - Goiás



Trilha Pedra do Buracão:  
geologicamente, o lugar mais  
antigo da Chapada

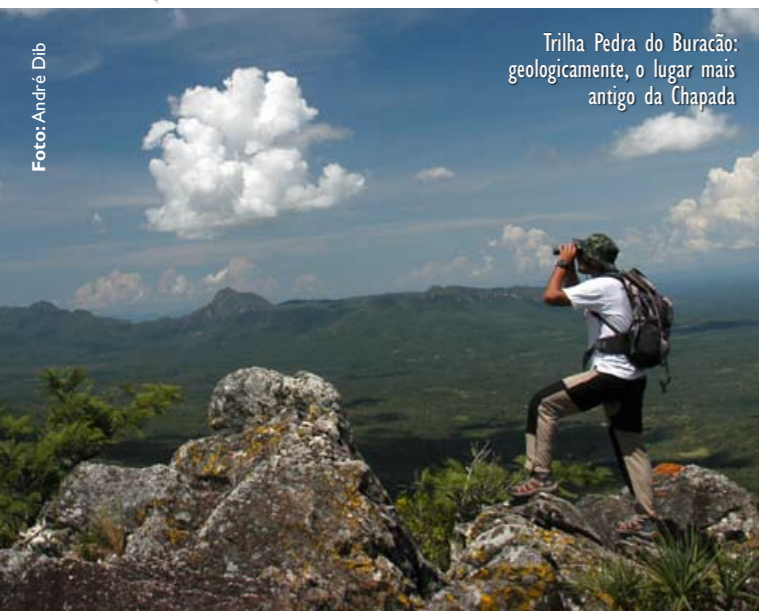


Foto: Ion David

**CACHOEIRA DOS CRISTAIS** - A apenas sete quilômetros do centro de Alto Paraíso, a bela Cachoeira dos Cristais, que fica em uma propriedade particular, é um ótimo local para banho e costuma reunir os guias turísticos da Chapada em seus horários de folga, assim como famílias de turistas. Há uma lanchonete no local, que funciona todos os dias até às 18h. A entrada é 7,00.  
(62) 9968-0159  
(62) 9659-2624



**CHAPADA DOS VEADÉIROS - VILA DE SÃO JORGE - GO - BRASIL**

[WWW.BAGUAPOUSADA.COM.BR](http://WWW.BAGUAPOUSADA.COM.BR)



**VIAJE GOIÁS**  
E veja quanta coisa linda tem no coração do Brasil.

Quem pratica ecoturismo, gosta de comer bem, aprecia uma bela noite estrelada e também uma boa noite de sono, vai adorar Goiás. Conheça nossa fauna rica e nossa flora exuberante nessa viagem surpreendente.



[www.goiasbrasil.com.br](http://www.goiasbrasil.com.br)

# VILA DOS IPÊS



VENHA DESFRUTAR DO PARAÍSO NO CERRADO, NA CIDADE DE CAVALCANTE, GO. CERCADA DE INÚMERAS BELEZAS NATURAIS, ALÉM DE MUITAS AVENTURAS E ESPORTES RADICAIS.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES ENTRAR EM CONTATO PELO TELEFONE: (62) 3494-1475  
www.pousadaviladosipes.com.br

## Agências de Turismo

### ALTO PARAÍSO

#### Agência Travessia ]

A agência Travessia Ecoturismo, especializada em turismo de aventura, promove atividades como tirolesa, arborismo, canionismo, trekking de diversos níveis e até travessias de três a seis dias de duração, levando o viajante a lugares inóspitos e de rara beleza. A operadora oferece ainda um Circuito de Aventura e um Circuito de Canionismo para iniciantes na prática. As operações seguem as recomendações das normas brasileiras de turismo de aventura (ABNT).

#### Valores do Circuito de Aventura:

Arborismo 40,00  
Tirolesa 50,00  
Cascading 60,00  
Canionismo 100,00  
(62) 3446-1595  
www.travessia.tur.br

♦ **Agência Ecorotas**  
(observação de pássaros)  
(62) 3446-1820

### CAVALCANTE

#### Agência Suçuarana

A agência Suçuarana organiza roteiros exclusivos e investe no turismo responsável, focando a sustentabilidade da região em parceria com as comu-

nidades locais. Também segue as recomendações das normas brasileiras de turismo de aventura (ABNT).  
(62) 3494-1536  
www.chapadaveadeiros.com.br

♦ **Associação Comunitária Engenho II (guias)**  
(62) 9654-9921

### SÃO JORGE

♦ **Cerrado Brasil Ecoturismo**  
(62) 3455-1081  
www.cerradobrasil.tur.br

### Onde Ficar

#### ALTO PARAÍSO

♦ **Pousada Casa das Flores**  
Vila São Jorge - Alto Paraíso  
Tel: 62 - 3455-1055/3455-1049

♦ **Casa das Rosas**  
(62) 3446-1319/2065  
www.pousadacasarosa.com.br

♦ **Chalé dos Tucanos**  
(62) 84880072

♦ **Cristal da Terra Ecopousada**  
(62) 3455-1052 / (61) 9978-9128  
www.pousadacristaldaterra.com.br

♦ **Pousada Maia**  
(62) 34462062

♦ **Recanto da Grande Paz**  
(62) 3446-1452  
www.recantodagrandepaz.com.br

### SÃO JORGE

♦ **Águas de Março**  
(62) 3455 1080/ (61) 9962-2082  
www.chapadadosveadeiros.com.br

♦ **Pousada Baguá**  
(62) 34551046  
www.baguapousada.com.br

### CAVALCANTE

♦ **Pousada Sol da Chapada**  
(62) 3494 - 1372  
www.pousadachapadadosveadeiros.com.br

♦ **Pousada Vila dos Ipês**  
(62) 3494-1475  
www.pousadaviladosipes.com.br

### Onde comer

♦ **Pizzaria Lua de São Jorge - São Jorge**  
(62) 34551054  
www.luadesaojorge.com.br  
\* música ao vivo

♦ **Pizzaria 2000 - Alto Paraíso**  
(62) 3446 1814

♦ **Restaurante Buritis - São Jorge**  
(62) 34551044  
\*Buffet de massas

♦ **Restaurante Jambalaya - Alto Paraíso**  
(62) 84385352  
\*Pratos a la carte

### Atrativos

♦ **Cachoeira dos Cristais**  
(62) 9968-0159  
(62) 9659-2624

\*Lanchonete e área de camping no local  
Entrada: 7,00

♦ **Fazenda Novo Horizonte**  
(Encontro dos Rios)  
(62) 89189717

\*Servem-se pratos típicos da região  
Entrada: 7,00

♦ **Parque Nacional Chapada dos Veadeiros**  
(62) 3455 1114/1116  
Funcionamento: 8h às 17h. Entrada: R\$ 3

♦ **Pousada São Bento**  
Cachoeiras Alméciga I e II  
(62) 34593000

### Massagens/Terapias Alternativas

♦ **Mandala SPA**  
(62) 3446-1001  
www.mandalaspa.com.br



### Outros

♦ **Aluguel de Bicicletas**  
(62) 8182-4067

♦ **Ateliê Casa do Sol - Associarte**  
(62) 8182-1954  
\*Shows de quinta à sábado;  
aulas de pintura e luteria



A Pousada do Baguá, com seus bangalôs independentes, decoração rústica e serviço de primeira linha, impressionou nossa equipe; seus ofurôs a céu aberto são o grande destaque

## POUSADA CASA ROSA

Conforto em meio a natureza.  
Visite nosso site  
www.pousadacasarosa.com.br



Rua Gumercindo Barbosa, 233  
Alto Paraíso de Goiás-GO,  
Tel.: 62 3446 1319 e 3446 2065  
contato@pousadacasarosa.com.br

Desfrute das belezas da Chapada dos Veadeiros com bem-estar e conforto.



**Pousada Cristal da Terra**  
Vila de São Jorge, Alto Paraíso, GO  
+55 (62) 3455-1052 / (61) 9978-9128  
contato@pousadacristaldaterra.com.br  
www.pousadacristaldaterra.com.br

**Pousada Casa das Flores**  
Vila de São Jorge, Alto Paraíso, GO  
+55 (62) 3455.1055  
casadasflores@terra.com.br  
www.pousadacasadasflores.com.br

## Expedição de CANIONISMO

Raizama  
Macaquinho  
Macaco  
Afluente Azul

CHAPADA DOS VEADEIROS

05 a 12 de Julho de 2009

Venha participar desta aventura!



Informações e inscrições:  
62 - 3446 1595  
www.travessia.tur.br